Psicodrama Público - Transformações nos territórios (Mesa redonda)

Érico Vieira[1]

Yan Leite Chaparro[2]

Ana Luísa Silva Iunes[3]

Victor Steigleder[4]

Resumo

O Psicodrama foi criado em um contexto social de questionamento à padronização das existências humanas, em que as expressões vitais e criativas eram sufocadas pela civilização autoritária da máquina. Era um combate a uma vida conservadora e tacanha, modos de vida apáticos, acríticos e submissos à ordem vigente. Um caldeirão cultural que recusava o conformismo e lutava para propor modos de vida expressivos, criativos e comunitários. Moreno contestava fortemente as formas de cuidado em saúde mental que apostavam em intervenções verbais, intelectuais e individualistas. O Movimento Psicodrama Público Popular representa a Revolução Criadora atualizada e abrasileirada, a partir de propostas de espaços contrahegemônicos de cultivo da expressão e de criação em contexto comunitário e popular, em diferentes lugares do país. Um Psicodrama brasileiro e popular atento às exigências históricas específicas de nossos povos e do nosso tempo. Que efeitos uma escuta contrahegemônica das origens sociais do sofrimento pode produzir? Contestação do tempo neoliberal: o tempo da produção, do consumo, de nunca sentir-se o suficiente. Questionar nossas existências capturadas pela lógica empresarial, com o desencantamento da vida, sem os poderes da imaginação. Neste espaço de expressão, emergem relatos de experiência de diversas opressões vividas: dos efeitos dos desastres ambientais em nossas vidas, da sociedade patriarcal que extermina mulheres, da educação domesticadora que assujeita nossos corpos, das desigualdades das cidades, dos assujeitamentos do neoliberalismo. Experiências de colonização que nos despotencializam e restringem nossa liberdade. As máquinas capitalistas de moer intensidade de vida ficam mais visíveis. Decodificamos as forças que nos assujeitam no espaço comunitário e criativo. Os Psicodramas Públicos podem representar espaços nos quais se vive outra temporalidade. O tempo artesanal do Psicodrama

[1] Psicodramatista Didata Supervisor, Psicólogo, Professor, Universidade Federal de Jataí, Doutor em Psicologia, ericopsi@yahoo.com.br

[2] Psicólogo, Doutor em Desenvolvimento Local, Pós-doutor em Desenvolvimento Local e em Antropologia Social. Escola de Psicodrama Entre Nós. yanchaparro@gmail.com

[3] Psicodramatista Didata Supervisora (ABP), Mestre em Psicologia Clínica e Cultura (UnB), analuisaiunes@gmail.com

[4] Psicodramatista, Ato Vivo - Coletivo de Psicodrama. victorvats@gmail.com

Público e das artes: modos artesanais de comunicação e de interação que acontecem em uma duração do tempo vivido e não o da produção, promovendo o tempo da experiência compartilhada. Espaços de sensibilidade poética, de instauração de olhares outros, sensíveis para a vida. Nestes espaços, o cultivo da liberdade como possibilidade de contestação, de desvios criativos, de ruptura com a robotização, da criação de caminhos singulares. A coletividade possibilita a contestação das imposições sociais, o resgate de lutar por uma vida criativa e com sentido. Emerge uma alegria democrática em ser visto e acolhido em um espaço público. O acolhimento coletivo e público traz vitalidade.

Palavras-chave: Psicodrama Público. Psicodrama Popular. Neoliberalismo.

Não seria o Psicodrama, o Outro?: territórios em transformação

Yan Leite Chaparro

RESUMO

O texto que segue é uma resposta, ou uma provocação dupla, pois nasce da provocação do titulo que tece todo o 25 Congresso Brasileiro de Psicodrama, sendo territórios, memórias e transformações. Não seria o Psicodrama, o Outro? Pergunta que busca aterrar ainda mais o psicodrama no chão que pisamos, sabemos que o psicodrama chega no Brasil como uma ciência estrangeira, mas diferente de muitas outras ciências, ela chega por Guerreiro Ramos, e aos pouco é incorporada de alguma forma dentro de epistemologias locais, que talvez ainda não foram documentadas e seguidas. Mas, será que não podemos aterrar ainda mais? Para isso precisamos questionar criticamente o próprio psicodrama como um personagem que é um Outro na maioria dos territórios que chega pela primeira vez. O texto vai seguir a pergunta, para poder pensar o próprio psicodrama em constante alteridade com territórios e memórias, e como produtor e cuidador de transformações. Aos invés de rapidamente colocar a imagem do Psicodrama ao lado de outros territórios, corpos, memórias, o objetivo do texto é inverter a imagem, onde é o objeto que olha para o olho, onde o olho é o psicodrama e o objeto são os territórios. Levando a atenção também para o Psicodrama como produtor de território. Por fim, o escrito é um primeiro passo para talvez quem sabe uma virada ontológica, tecendo um Psicodrama brasileiro.

Palavras-chave: Psicodrama. Psicodrama Público. Crítica. Território. Transformação.

1 INTRODUÇÃO: não seria o Psicodrama, o Outro?

O texto que segue é uma resposta, ou uma provocação dupla, pois nasce da provocação do titulo que tece todo o 25 Congresso Brasileiro de Psicodrama, sendo territórios, memórias e transformações. Não seria o Psicodrama, o Outro? Pergunta que busca aterrar ainda mais o psicodrama no chão que pisamos, sabemos que o psicodrama chega no Brasil como uma ciência estrangeira, mas diferente de muitas outras ciências, ela chega por Guerreiro Ramos (MALAQUIAS, 2020), e aos pouco é incorporada de alguma forma dentro de epistemologias locais, que talvez ainda não foram documentadas e seguidas.

Mas, será que não podemos aterrar ainda mais? Para isso precisamos questionar criticamente o próprio psicodrama como um personagem que é um Outro na maioria dos territórios que chega pela primeira vez.

O texto vai seguir (LATOURS, 2008), a pergunta, para poder pensar o próprio psicodrama em constante alteridade (LÉVINAS, 2005), com territórios e memórias, e como produtor e cuidador de transformações. Aos invés de rapidamente colocar a imagem do Psicodrama ao lado de outros territórios, corpos, memórias, o objetivo do texto é inverter a imagem, onde é o objeto que olha para o olho, onde o olho é o psicodrama e o objeto são os territórios.

Levando a atenção também para o Psicodrama como produtor de território. Por fim, o escrito é um primeiro passo para talvez quem sabe uma virada ontológica, tecendo um Psicodrama brasileiro.

2 DESENVOLVIMENTO: o que sobra e escapa?

Mas, qual o objetivo do escrito estar em uma mesa referente ao Psicodrama Público, ou melhor, ao Movimento Psicodrama Público Popular? Bom, pelo fato que o movimento que estamos tecendo, junto a psicodramatistas de diferentes regiões do Brasil, possui o ideário de conduzir um psicodrama pertencente ao território que pisa.

É dado um tema, esse tema nasce do encontro entre esses psicodramatistas e a realidade vivida, o tema é definido, são feitos os psicodramas públicos em diferentes cidades

(Campo Grande, Porto Alegre, Brasília, Jatai e Belo Horizonte), cada roteiro e produção psicodramática acontece por sujeitos do território vivido com o objetivo de gerar indagações, saídas, questionamentos, reflexões e experiências. Mas, o que é transformado? O que fica na borda? O que escapa os olhos dos/as psicodramatistas? Como o psicodrama afeta os sujeitos e o território? São perguntas que valem estar sempre no horizonte de quem se arrisca ao mundo vivido para poder transformar e criar mundos e modos de existir.

Pois, o tema nasce geralmente de inquietações que estão nos corpos dos/as psicodramatistas e da necessidade de levantar o tema para a possível reflexão e produção subjetiva. Será que as inquietações do corpo e atenção ao território são suficientes, talvez sim, mas como é produzida a intervenção e a experiência do Psicodrama, no caso aqui, do Psicodrama Público?

Durante a própria intervenção pode-se tecer os atravessamentos territoriais, subjetivos e corporais. Pensar e produzir com os Outros (VIVEIROS DE CASTRO, 2015). Mas, o que não é percebido, onde fica?

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS: virada ontológica?

Acredito ser pertinente pensar o Psicodrama como um Outro, em todos os territórios que o Psicodrama pisa, para poder assim, articular e negociar com esse território, o Psicodrama deixando o universal ocidentalizado, para encarar e dialogar com a diferença. Como lembra Guattari (2024) não existe estrutura universal do espírito humano (p.31).

Pois, se desejamos e fazemos o Psicodrama como agente que produz transformações territoriais, precisamos nos contaminar por esses territórios, deixar eles entrarem nos poros, veias e fios de cabelos. Talvez pensando o papel do/a diretor/a, da produção do roteiro e do manejo com o grupo. Pensar o Psicodrama como um Outro é uma forma de cuidar de cada passo, respirar, olhar de forma curiosa, se posicionar e tirar o pé do acelerador.

Pois, sabemos, que o Psicodrama, igual as muitas ciências no campo da psicologia também produzem sujeitos e mundos a partir dos seus arcabouços teóricos e metodológicos, é também uma visão de mundo, então precisamos seguir o território e os conceitos nativos para que as entranhas territoriais estejam imbricadas por entre as linhas cientificas do Psicodrama.

REFERÊNCIAS

GUATTARI, F. **A revolução molecular**. São Paulo: Editora Ubu, 2024.

LATOUR, B. **Jamais Fomos Modernos**. Rio de Janeiro. Editora 34, 2008.

LÉVINAS, E. **Entre nós**: ensaios sobre a alteridade. 2ª. Edição, Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

MALAQUIAS, M. **Psicodrama e relações étnico-raciais:** diálogos e reflexões. São Paulo: Ágora, 2020.

VIVEIROS DE CASTRO, E. **Metafísicas Canibais**: elementos para um antropologia pós-estrutural. São Paulo: Cosac & Naify, 2015

Psicodrama Público, Cidade e Pertencimento: Reflexões sobre Brasília

Ana Luísa Silva Iunes

RESUMO

O psicodrama público constitui uma prática que amplia o alcance da intervenção psicodramática para além do espaço clínico, criando possibilidades de encontro, expressão coletiva e reflexão compartilhada sobre experiências sociais. Inspirada nas primeiras experiências de Jacob Levy Moreno com o teatro da espontaneidade, essa modalidade de trabalho valoriza a participação ativa do público e o potencial transformador da ação dramática em contextos coletivos. Este trabalho propõe discutir a relevância do psicodrama público no contexto urbano de Brasília, cidade marcada por um projeto modernista de organização territorial que, ao longo do tempo, produziu dinâmicas complexas de convivência, identidade e pertencimento. A separação entre o Plano Piloto e as Regiões Administrativas, associada a processos históricos de desigualdade socioespacial, contribuiu para a constituição de experiências urbanas distintas entre seus habitantes, afetando a forma como diferentes grupos se relacionam com a cidade e se reconhecem como parte dela. Partindo da compreensão de que os territórios participam ativamente da produção de subjetividades, torna-se relevante refletir sobre práticas que favoreçam o encontro entre diferentes segmentos da população e ampliem as possibilidades de circulação simbólica pelo espaço urbano. Nesse sentido, o psicodrama público pode ser compreendido como um dispositivo de intervenção psicossocial capaz de promover espaços de escuta, reconhecimento e elaboração coletiva de experiências ligadas à vida na cidade. Trata-se de um ensaio teórico que articula contribuições da literatura sobre território, identidade urbana e

produção de subjetividades com o referencial da socionomia e do psicodrama. Os resultados indicam que a realização de psicodramas públicos em Brasília pode contribuir para fortalecer experiências de pertencimento, ampliar a circulação simbólica pelos espaços urbanos e favorecer a construção de narrativas compartilhadas sobre a cidade.

Palavras-chave: Psicodrama Público; Brasília; Intervenção social.

1 INTRODUÇÃO

A proposta do psicodrama, desde suas origens, esteve profundamente vinculada à compreensão das relações humanas em seus contextos sociais. Ao desenvolver o teatro da espontaneidade e, posteriormente, o psicodrama, Jacob Levy Moreno buscava criar espaços nos quais as pessoas pudessem experimentar novos papéis, expressar conflitos e refletir coletivamente sobre questões presentes em sua vida cotidiana (MORENO, 1975). Nessa perspectiva, o encontro entre indivíduos ocupa um papel central na produção de sentidos e na transformação das relações sociais.

Entre as diferentes modalidades de aplicação do método psicodramático, o psicodrama público retoma o princípio inicial das experiências morenianas ao deslocar a prática para espaços coletivos, acessíveis e abertos à participação espontânea do público. Ao reunir pessoas em torno de temas que atravessam a vida social, essa modalidade favorece processos de reconhecimento mútuo e estimula a construção compartilhada de significados sobre experiências comuns (NERY; CONCEIÇÃO, 2012).

A realização de psicodramas públicos em contextos urbanos constitui uma prática que oferece um espaço coletivo de encontro, escuta e criação compartilhada (Fernandes, 2021). Os participantes têm a possibilidade de construir redes de apoio, elaborar experiências comuns e desenvolver, de forma conjunta, novas maneiras de compreender e enfrentar questões do cotidiano. Ao compartilhar vivências e reconhecer nos pares elementos semelhantes de suas próprias trajetórias, os sujeitos ampliam seus sentidos de pertencimento.

Nesse sentido, a cidade não se apresenta apenas como cenário onde as relações acontecem, mas como um espaço vivo de produção de vínculos e subjetividades. As dinâmicas urbanas, as formas de circulação, os encontros e desencontros que se produzem nos espaços da cidade influenciam diretamente os modos de convivência, pertencimento e participação dos sujeitos. Conforme destaca Santos (2006), o território participa ativamente da construção das experiências sociais e das formas de vida coletiva.

Brasília apresenta características particularmente significativas para essa reflexão. Concebida como um projeto urbanístico que buscava materializar ideais de modernidade e racionalidade, a capital federal foi planejada para organizar de forma funcional os diferentes aspectos da vida urbana. Entretanto, ao longo de sua história, a cidade passou a evidenciar tensões relacionadas à segregação socioespacial e às desigualdades de acesso a recursos e

oportunidades.

A distinção entre o Plano Piloto e as diversas Regiões Administrativas exemplifica essa dinâmica, estabelecendo diferentes formas de acesso à infraestrutura, aos serviços e às centralidades urbanas. Ainda que muitos moradores das regiões periféricas circulem cotidianamente pelo centro por motivos de trabalho, estudo ou acesso a serviços, essa organização espacial tende a reforçar distâncias sociais e simbólicas entre os territórios (GRANDE 2007).

Diante desse cenário, torna-se relevante refletir sobre práticas que favoreçam o encontro entre diferentes segmentos da população e ampliem as possibilidades de construção de pertencimento no espaço urbano. Assim, o objetivo deste trabalho é discutir o potencial do psicodrama público como prática capaz de favorecer processos de encontro, reflexão coletiva e construção de pertencimento no contexto urbano de Brasília.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Psicodrama público e intervenção psicossocial

O psicodrama público expressa o propósito do psicodrama ao se constituir como um evento psicodramático realizado para o público, com participação (ou possibilidade de participação) de todos. Esta modalidade amplia a atuação do método psicodramático, ao deslocar a prática para contextos coletivos e comunitários. Diferentemente do setting clínico tradicional, essa modalidade busca criar espaços abertos de participação nos quais diferentes sujeitos podem compartilhar experiências, narrativas e conflitos relacionados à vida social.

Moreno (1975) concebeu o psicodrama com o objetivo de favorecer a espontaneidade e a criatividade nas relações humanas, possibilitando a experimentação de novos papéis e perspectivas. Quando realizado em espaços públicos, esse processo ganha uma dimensão ampliada, permitindo que questões individuais sejam reconhecidas como parte de experiências coletivas.

Segundo Wechsler et al. (2023), o psicodrama público contribui com a saúde mental e coletiva de seus participantes, assim como o exercício de sua cidadania. Para as autoras, o psicodrama público constitui uma potência coletiva que favorece a emergência de novos agenciamentos e transformações efetivas, orientadas pela tentativa de produzir outros equilíbrios. Nesse sentido, pode funcionar como um dispositivo de intervenção psicossocial, capaz de promover espaço de reconhecimento e elaboração coletiva de experiências.

2.2 Território, cidade e produção de subjetividades

A relação entre território e subjetividade tem sido amplamente discutida nas ciências sociais e na psicologia social. O espaço urbano influencia diretamente a forma como os

indivíduos constroem vínculos, identidades e sentidos de pertencimento (SANTOS, 2006). Em cidades marcadas por desigualdades socioespaciais, como é o caso de Brasília, as experiências urbanas tendem a se organizar de maneira fragmentada, criando fronteiras simbólicas entre diferentes territórios (GRANDE, 2007). Essas divisões podem impactar as formas de participação social e as possibilidades de construção de vínculos comunitários.

2.3 Psicodrama público e pertencimento urbano

Ao criar espaços coletivos de expressão e escuta, o psicodrama público possibilita que experiências individuais relacionadas à vida na cidade sejam compartilhadas e elaboradas em um plano grupal. A linguagem da ação, permite que narrativas pessoais sejam encenadas e ressignificadas coletivamente, favorecendo processos de reconhecimento e empatia entre os participantes. Além disso, a participação ativa do público contribui para transformar espectadores em protagonistas de reflexões sobre a realidade social.

Para além do caráter terapêutico, o psicodrama compõe campo rico de pesquisa e investigação. Espaço de confrontar saberes e evoluir conclusões, não no sentido de resolver, mas de aprender a lidar com os problemas e dificuldades histórias, sociais, materiais e interpessoais (WECHSLER; 2023). No contexto de Brasília, essa prática pode contribuir para desenvolver sua identidade, criar campos de cuidado, ampliar as formas de ocupação e estimular novas maneiras de vivenciar os espaços urbanos Com isso ampliar as redes de apoio e fortalecer experiências de pertencimento.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão apresentada buscou discutir o potencial do psicodrama público como prática capaz de favorecer processos de encontro, escuta e elaboração coletiva no contexto urbano de Brasília. Ao considerar a relação entre território, subjetividade e pertencimento, torna-se possível compreender que a cidade participa ativamente da produção das experiências sociais. Nesse cenário, práticas que promovem o encontro entre pessoas podem contribuir para ampliar as formas de participação e construção de vínculos comunitários.

O psicodrama público apresenta-se, portanto, como um dispositivo relevante de intervenção psicossocial, capaz de favorecer a circulação de narrativas e a construção de sentidos coletivos sobre a vida na cidade. Ao estimular a participação ativa dos sujeitos na produção de experiências compartilhadas, essa prática contribui para fortalecer vínculos e ampliar as possibilidades de construção de pertencimento no espaço urbano.

REFERÊNCIAS

FERNANDES, C. C. Efeitos psicoterapêuticos em um participante de um ato socionômico. Revista Brasileira de Psicodrama, v. 29, n. 3, p. 198-204, 2021. DOI:

https://doi.org/10.15329/3218-0498.22150.
GRANDE, C. O urbanismo como modo de construção das várias identidades dos moradores de Brasília. Interações: *Cultura e Comunidade*, Uberlândia, v. 2, n. 2, p. 119-135, 2007. Disponível em: http://periodicos.pucminas.br/interacoes/article/view/6739/6164.
MORENO, J. L. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.
MORENO, J. L. Quem sobreviverá? Goiânia: Dimensão, 1993.
NERY, M. P.; CONCEIÇÃO, M. I. G. Psicodrama público e intervenção social. Brasília: Liber Livro, 2012.
SANTOS, M. A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção. São Paulo: Edusp, 2006.

Psicodrama Público: Memórias em Coletivo

Victor Steigleder[5], Carolina Poletto[6], Flaviani Silva[7], Laura Sperafico[8]

RESUMO

Este trabalho apresenta a experiência do Ato Vivo Coletivo de Psicodrama, que realizou quinze edições de psicodrama público em Porto Alegre entre 2024 e 2025. A partir de abordagem qualitativa e psicodramática, analisam-se relatos de sete diretores, organizados nos eixos territórios, memórias e transformações. Os atos ocuparam espaços públicos diversos, exigindo elevada espontaneidade e articulação da unidade funcional para criação de

[5] Victor Amadeu Thomazi Steigleder, Ato Vivo - Coletivo de Psicodrama. victorvats@gmail.com
[6] Carolina Arguelles Poletto, Ato Vivo - Coletivo de Psicodrama, caroolpoletto@gmail.com
[7] Flaviani de Castro da Silva, Ato Vivo - Coletivo de Psicodrama, flaviani.cs@gmail.com

[8] Laura Sperafico, Ato Vivo - Coletivo de Psicodrama, laurasperafico17@gmail.com

um continente seguro. A experiência de direção revelou impactos no desempenho de outros papéis profissionais, fortalecidos pelo vínculo grupal. Conclui-se que o psicodrama público, sustentado pelo coletivo, promove cuidado ético, elaboração de temas sensíveis e transformação pessoal e social em espaços urbanos compartilhados.

Palavras-chave: Psicodrama Público. Vínculo grupal. Memória social.

INTRODUÇÃO

No ano de 2024 após as enchentes de níveis catastróficos que ocorreram no estado do Rio Grande do Sul, um grupo autodirigido de psicodramatistas propôs um resgate da metodologia de Moreno ao sistematizar ações em espaços públicos da cidade de Porto Alegre a partir de um psicodrama público intitulado "A água chegou até aqui, e agora?". Neste movimento se constituiu o Ato Vivo Coletivo de Psicodrama e, entre os meses de junho de 2024 e dezembro de 2025, um total de quinze edições de Psicodramas Públicos (PPs) foram realizadas, trabalhando temas vigentes no intuito de auxiliar os participantes na elaboração destes. De acordo com Wechsler e Monteiro (2016), a promoção de um psicodrama público tem o potencial de mobilizar e sensibilizar um grande número de pessoas presentes em um momento singular. Com isso, inspirados pela visão utópica de Moreno de que todo processo terapêutico deve aspirar a algo maior do que intervenções individuais, buscamos com os atos públicos promover o cuidado da humanidade em sua totalidade, além de promover espaços para que os participantes expressem seus dilemas de vida por meio da dramatização. Na apresentação deste trabalho, propomos uma imersão nas experiências compartilhadas entre os sete componentes do Ato Vivo que desempenharam papéis de diretores nos PPs vivenciados nestas quinze edições de psicodrama público.

METODOLOGIA

Este trabalho debate a partir da abordagem qualitativa e psicodramática permitindo que seja considerada a complexidade dos psicodramas públicos realizados, observando os territórios explorados, memórias construídas e transformações vividas (Monteiro, Merengué, Brito, 2006). Fundamentou-se nos relatos coletados através de questionário online dos diretores que realizaram os atos. O material produzido foi submetido a uma discussão psicodramática, contemplando especialmente o impacto do trabalho na cidade de Porto Alegre. A validade dos apontamentos foi assegurada pelas reflexões dos diretores e egos-auxiliares pelo diálogo entre diferentes perspectivas, garantindo consistência à interpretação dos resultados.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este trabalho parte da análise do relato de sete diretores de quinze atos públicos que foram categorizados da seguinte forma: sociodrama, sociopsicodrama, teatro espontâneo e psicodrama. Estas atividades ocorreram nas modalidades presencial e on-line, ocupando diferentes localidades da cidade de Porto Alegre, tais como parques e praças da região central da cidade, praças periféricas e pontos turísticos e históricos. Propomos três eixos de análise dos relatos escritos pelos diretores: territórios, memórias e transformações.

Territórios

Identificamos diferentes níveis no que se caracteriza o conceito de territórios, adentrando esferas que tangem os planos físico (seja este representado por um lugar ou um corpo) e social (contextos histórico, cultural, econômico e classe social). O locus do Psicodrama Público, no trabalho de Moreno, surge quando ele ainda estudava medicina e costumava caminhar pelos jardins de Viena reunindo crianças e formando grupos para brincadeiras de improvisação. Em suas palavras: "fui despertado todos os dias para maiores feitos pelos apelos imaginativos das crianças" (Moreno, 2014); e foi por meio delas que suas teorias sobre a espontaneidade e a criatividade se consolidaram. O locus dos PPs realizados pelo coletivo ocorreu no Parque Farroupilha, a partir do primeiro ato “A água chegou até aqui, e agora?” e buscou-se reocupar o espaço público, romper com o individualismo e fortalecer o tecido social após o desastre climático ocorrido no Estado. Estabeleceu um modelo de território conservado inicialmente, convidando os diretores a lidarem com a imprevisibilidade do público a ser acessado, do impacto das condições climáticas e sonoras (barulhos altos, música tocando e, algumas vezes compondo as cenas) que ressoavam no território da espontaneidade dos diretores, conforme os relatos. Um território público demanda do diretor um nível elevado de espontaneidade, pois o contexto dramático se amplia e coexiste com as cenas do contexto social. Segundo os relatos, a unidade funcional coesa e bem aquecida proporcionou este contorno no espaço público para a criação de um continente seguro nos PPs. Zampieri (2020) afirma que esta integração do psicodrama público no território que ocorre surge a partir do que é vivenciado na dinâmica grupal e nas percepções subjetivas, pois o observador é também participante, atravessado pelas memórias construídas com os demais.

Memórias

Em um compartilhar dos registros dos diretores e egos dos PPs percebe-se que o papel

carrega uma experiência valiosa enquanto guardiões das memórias destes. Moreno (1975)

traz que o papel desempenhado pelo diretor apresenta-se em três funções: produtor, terapeuta principal e analista social. Como produtor, a coordenação da montagem da cena em espaço público, conforme relatos, produziu ansiedade e atenção à responsabilidade nas primeiras experiências de direção de PP - o que trouxe mais sensibilidade em alguns momentos e, em contrapartida, também gerou campo tenso para os diretores na construção das cenas. Os atos que contaram com a presença de egos-atores impulsionaram a dinâmica e estética das cenas, apoiando os diretores no processo de criação. Fernandes (2021) afirma que este tipo de "direção disparadora" estimula a cena dramática e potencializa o nascimento de sentidos para quem está dentro ou fora dela, fomentando, assim, as diversas possibilidades espontâneas que aparecem em interlocução com a cena, evitando a psicopatologização dos indivíduos e trazendo à tona sua saúde. Enquanto terapeuta principal, dirigir uma temática que atravessa sua vida facilitou a direção das cenas, evidenciando a espontaneidade dos diretores ao empregar as técnicas adequadas. Cabe ressaltar que os temas escolhidos pelos diretores também mobilizaram questões pessoais em algumas edições, afetando a espontaneidade do papel. Em consonância, Vitali (2024) aponta em sua pesquisa que a espontaneidade do diretor advém do reconhecimento do Eu, sendo necessário o reconhecimento do seu papel em formação, temas de interesse, bem como a dedicação ao seu próprio processo de autoconhecimento e dificuldades na condução dos atos. A cargo de analista social, verificou-se que o papel dos egos-auxiliares foi fundamental para apoiar os diretores no aprofundamento dos sentimentos aflorados ao longo das dramatizações. Em uma edição (PP "A arte de mentir: dilemas de Pinóquio") destacou-se que as verdades desveladas transcenderam qualquer expectativa sobre a interação entre um par de desconhecidos em uma janela de tempo de apenas 10 minutos, acessando dores enterradas há muito tempo. A capacidade analítica do diretor foi primordial para que se estabelecesse a integração e fechamentos sensíveis na dramatização.

Transformações

Ao vivenciar o papel de diretor de PPs, observaram-se transformações no desempenho de outros papéis, como o de psicodramatista bipessoal e de grupos terapêuticos. Segundo Moreno (1975), o desempenho dos papéis é anterior ao surgimento do Eu: eles surgem a partir das relações, constituindo o Eu, desde o nascimento, estendendo-se por todo o seu desenvolvimento e em todas as dimensões da existência humana. Segundo os relatos, a experiência prévia como ego-auxiliar favoreceu o papel de diretor desempenhado pela maioria do grupo em sua primeira vez, servindo como forma de aquecimento para os psicodramatistas. Castanho (1995) traz que o aquecimento do diretor se constitui fundamental, servindo também como forma de aquecer o grupo, sendo a unidade funcional - "com diferenciação ou não de papéis e funções, que realizam juntos, no mesmo espaço e tempo, uma atividade" (Moraes Neto, 1999, p. 59) - também participante deste. Os relatos

contam que o fortalecimento do coletivo promove maior espontaneidade na direção dos PPs, possibilitando a exposição à sociedade e a abordagem de temáticas sensíveis de forma ética, coesa e transformadora. Nery (2018) confirma que o vínculo grupal é o alicerce que possibilita a transcendência da espontaneidade e da criatividade, pois é nele que se constrói o sentimento de pertencimento e segurança no grupo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ato Vivo Coletivo de Psicodrama ocupou praças e parques de Porto Alegre tecendo, com fios de espontaneidade, espaços possíveis para as quinze edições do Psicodrama Público - territórios físicos que se tornaram palco de encontros onde memórias encontraram abrigo no coletivo. Os diretores, guardiões dessas memórias, experimentaram a arte de produzir cenas em meio ao imprevisível como o vento, o barulho e olhares de transeuntes, descobrindo que o chão firme se constrói em conjunto. As dores compartilhadas, os silêncios rompidos e as verdades desveladas em breves minutos de dramatização reafirmaram que o cuidado pode florescer em qualquer esquina. Ao final dessa travessia, o que fica não é apenas o registro do que se fez, mas a certeza de que o psicodrama público é uma semente que, ao ser lançada ao vento, germina onde encontra solo fértil. Os diretores do Ato Vivo, transformados pela experiência, levam consigo a lição moreniana de que a cura da humanidade se faz com a própria humanidade e a cura da cidade se faz com a cidade: em ato vivo, partilhado e livre. O futuro é coletivo!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTANHO, Gisele. Jogos dramáticos com adolescentes. In MOTTA, Julia (Org.), O jogo no psicodrama (pp. 23 - 44). São Paulo: Ágora, 1995.

FERNANDES, Claudia Clementi. Efeitos psicoterapêuticos em um participante de um ato econômico. Revista Brasileira de Psicodrama, 2021. Disponível em: https://doi.org/10.15329/2318-0498.22150. Acesso em 24 de fevereiro de 2026.

MONTEIRO, André Maurício; MERENGUÉ, Devanir; BRITO, Valéria. Pesquisa qualitativa e psicodrama. São Paulo: Ágora, 2006.

MORAES NETO, Agenor Vieira. Unidade funcional. In ALMEIDA, Wilson Castello (Org.), Grupos: A proposta do psicodrama (pp. 59 - 67). São Paulo: Ágora, 1999

MORENO, Jacob Levy. Psicodrama. São Paulo: Cultrix, 1975.

MORENO, Jacob Levy. Autobiografia. Tradução: Luiz Cuschnir. São Paulo, SP: Ágora,

2014.

NERY, Maria da Penha. Vínculo e afetividade: caminho das relações humanas. São Paulo: Ágora, 2018.

VITALI, Marieli Mezari. A espontaneidade como fator E-ssencial no processo ensino-aprendizagem. Revista Brasileira de Psicodrama, 2024. Disponível em: https://doi.org/10.1590/psicodrama.v32.674. Acesso em 24 de fevereiro de 2026.

WECHSLER, Mariângela Pinto da Fonseca; MONTEIRO, Regina Fourneaut. Psicodrama público na contemporaneidade: Cenários brasileiros e mundiais. São Paulo: Ágora, 2016.

ZAMPIERI, Ana Maria. Psicodramas Públicos: Por Que e Para Quê?. Revista Brasileira de Psicodrama, 2020. Disponível em: https://www.revbraspsicodrama.org.br/rbp/article/view/240. Acesso em: 24 de fevereiro de

2026.